

# A GALEOTA

CMP 1.2.2.10



2590

Sacerdos

toda a areia que lhe comprimia o bojo e lhe dilatava o interior. Estranhos não nos interromperiam a tarefa desenvolvida numa silenciosa terra de ninguém, ermo coqueiral sem dono e sem moradas. Um dos nossos, já leitor habitual de Julio Verne e de Stevenson, jurava-nos na pista de thesouros escondidos por piratas. Outro, de temperamento mais logico, não duvidava de movimentado naufragio e do trucidamento de uma tripulação por incolas. Mas de como e em que periodo da nossa incrível historia selvagem?

Era nesse entrementes que eu, calmo, romantico Daniel Foe indigena, expunha o pratico, immediato objectivo de fixar a caracteristica do barco enigmatico. Depois de consultas a enciclopedias e imagens documentarias, depois de muitos graves concilia-bulos sob as palmas farfalhantes dos coqueiros, consegui impôr a conclusão de estar em presença dos restos de um pequeno navio ligeiro, que podia perfeitamente ser uma galeota. A galeota, assim como a galeaça, tinha succedido ás galeras medievais. As galeaças eram grandes galés de tres mastros, ao passo que as galeotas possuíam um só mastro e raramente dois. Largas na prôa e na pôpa, haviam cruzado o oceano a serviço dos portugueses, e a estes valido, na Europa, desde o seculo XIV.

A configuração do casco emergido, meio falucho e meio galé, não admitia duvidas. Miramol-o, remiramol-o, raspamos-lhes as fimbrias, á prucura de uma letra ou de caracteristico signal maritimo. Abandonado esse aspecto do problema, embrenamo-nos em alfarrabios, tornamo-nos, como por milagre, os mais assíduos frequentadores dos silenciosos gabinetes do Instituto Arqueologico Historico e Geographico Pernambucano. Aproximamo-nos tacitamente de Rigueira

que moço e ardente.

Ao terminar de uma dessas lentas entradas a pés descalços, largos chapéus de palha de carnaúba, faca desembainhada para a sofrega abertura do côco verde, tropeçamos num pedaço de quilha de madeira apodrecida e quasi completamente soterrada. Rondamol-a, inquietos, desassocegados, com faro de Robinson. Ali volvemos, dias depois, attrahidos pelos mysterios das suas bordas carcomidas, pela enormidade de seu tamanho revelado á proporção que fomos afastando, com penoso esforço, a areia e a herva transbordantes. O mar em resaca e, talvez, quem sabe? a mão caprichosa do homem rude haviam impellido para aquellas dunas do rio Doce, onde arvôres e plantas medravam com opulencia, o enigma daquelle barco demastreado.

A' falta de meios rapidos para desencarilharmos o casco fenecido, afastavamos, a pouco e pouco, por meio de pás levadas de nossas residencias,

Os caprichos das nossas vagabundagens de garotos nos levavam, constantemente, a longas estiradas, praías de Olinda acima, até muito além do Pharol, no rumo do Rio Doce, ou de Iguarassú, ou ás visinhanças de Itamaracá. Já rapazolas, essas digressões por vezes assumiam verdadeiro cunho de investigação methodica. Tudo nos estimulava o brio adolescente. De-sejosos de actos invulgares e de gestos de emulação, viviamos num ambiente de gritante heroicidade. Estuava em nossas veias, proceloso, um san-